

TEATRO

'O COORDENADOR' JÁ ESTÁ ENTRE AS MELHORES MONTAGENS DE 2003

MIGUEL ANUNCIÇÃO
CRÍTICO ESPETÁCULOS

A trama parece realismo fantástico: disfarçado de acesorista, um alto executivo manipula e terroriza três desconhecidos numa cabine de elevador. Desta circunstância pouco provável, o chileno Benjamin Galemiri consumou uma eficiente alegoria do poder. Por sinal, bastante assemelhada à situação-base de "O Anjo Exterminador", o grande clássico de Luis Buñuel: pessoas de aparente bom-nível que se digladiam num espaço restrito e, em função disso, sofrem profundas transformações.

São as ocorrências essenciais de "O Coordenador", novo espetáculo da Cia Odeon, que esteve em cartaz até o último final de semana. Outra realização de alto quilate deste grupo recente, uma das melhores desta temporada teatral, até aqui tão carente de mais e melhores títulos.

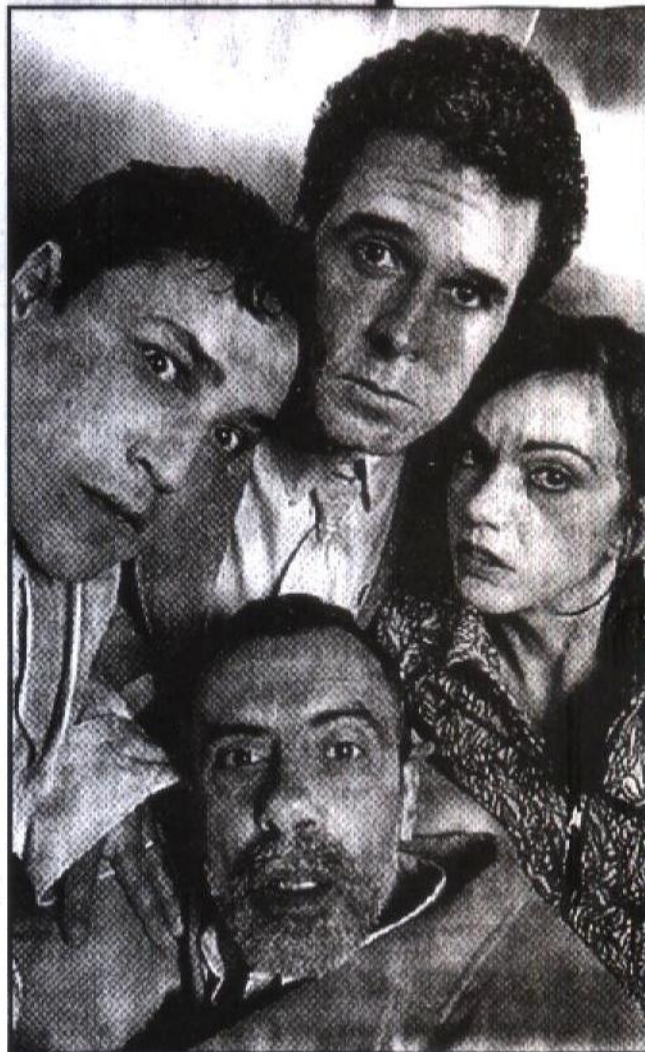
É outra montagem da Odeon a abordar o poder mais definitivo do homem, se autorizar direito de vida e morte sobre outro homem, como já ocorria em "Ricardo 3º", "Mata Hari" e "Amor e Restos Humanos". É a nova direção de Carlos Gradim, talento em progresso, que novamente estabelece parcerias com André Cortez (cenário e figurinos) e Telma Fernandes (iluminação), como nas três produções citadas.

As presenças de Telma e André, profissionais nacionalmente experimentados e reconhecidos, denotam o cuidado desta produção. De fato, os dois contribuem com categoria ao projeto. Talvez não seja uma luz soberba da Telma, daquelas que imediatamente se percebe o valor, mas é outro trabalho de grande profissional.

O cenário de André Cortez não se desgasta em excessos: é seco, limpo, minimal. Acredita na importância de fantasiar no teatro. Ainda que os mecanismos de instabilidade do seu elevador sejam menores que os val-véns vividos na sugestão de cubículo.

Os figurinos estão corretos, mesmo que a barra do único vestido pudesse estar mais alinhada e discutível alguém envergar um sobretudo num espaço fechado, se movimentando tanto, durante tanto tempo. Num teatro tão quente quanto o Cine Horto, a obrigação de vesti-lo faz o ator suar em bicás todo o tempo e agonia a platéia.

Ótima em "Amor e Restos Humanos", a idéia de inscrever os nomes dos personagens nos pró-



ELENCO da Cia Odeon em "O Coordenador", com direção de Carlos Gradim

cia muito rígida ao seu personagem acanhado. Peninha não impõe devida estatura ao seu papel, um cavalheiro de vulto.

Embora seja tão rara (e grata) a aparição de um bom autor do Chile, parece deficiência do texto que a trama transcorra sem maiores nuanças, o que torna a peça talvez carente de mais surpresas. É de indagar, inclusive, porque os oprimidos não se aliam em algum momento contra o opressor, o que parece mais óbvio. Em favor da recepção do texto, a tradução deveria verter os sobrenomes de difícil pronúncia. E suprimir as mesóclises, sobretudo no início da peça, para tornar as falas mais fluentes, coloquiais.

Compreende-se que Carlos Gradim considere temas de Elton John e Simon & Garfunkel "músicas de elevador". São realmente superexecutadas. Mas pode levar a pensar, erroneamente, que o idioma inglês tenha definido a trilha sonora.